



1. A Informação Científica no Jornal Nacional¹

Diego Andres SALCEDO²

Isaltina Maria de Azevedo Mello GOMES³

Universidade Federal de Pernambuco(UFPE), Recife, PE

Resumo

Neste artigo são analisados aspectos relacionados à presença da ciência no Jornal Nacional. Coletada uma amostra de noticiários, veiculados no 1º trimestre de 2007, foi possível selecionar 88 reportagens e identificar algumas características inerentes às informações relacionadas à ciência. Procuramos esboçar o interesse do Jornal Nacional pelos temas científicos e discutir seu papel na divulgação científica. Oferece-se ainda a possibilidade de ampliar as discussões sobre o caráter regionalista do telejornalismo científico brasileiro.

Palavras-chave

divulgação científica; jornalismo científico, telejornalismo;

Jornalismo científico e telejornalismo

Ao longo de sua existência o ser humano desenvolveu recursos tecnológicos que possibilitaram reforçar as relações sociais e transmitir conhecimentos. Mais recentemente, no século XX, ocorre o denominado crescimento exponencial da produção científica, quando o campo científico se consolida como espaço privilegiado para o desenvolvimento econômico e social dos países.

Para que o progresso social torne-se uma realidade experimentada na vida cotidiana é imprescindível o desenvolvimento científico e tecnológico, associado a um processo contínuo de socialização da informação. Para tanto, deve-se atentar à relevância da divulgação científica para um público de massa, por meio do jornalismo científico, uma prática especializada dentro do jornalismo.⁴

Apresentar resultados de investigações científicas à sociedade é algo próprio da ciência. É assim que a base de conhecimentos da humanidade cresce. Afirma Meadows (1999, p. vii): “a comunicação situa-se no próprio coração da ciência [...] Isso exige que

¹ Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Concluinte do curso de Biblioteconomia da UFPE. Recife-PE. (Bolsista de IC CNPq/UFPE) E-mail: w159444x@gmail.com.

³ Doutora, Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. Recife-PE. E-mail: isaltina@gmail.com.

⁴ É necessário deixar claro que, em nossa concepção, jornalismo científico é uma das formas de divulgação científica.



seja comunicada [...] Qualquer que seja o ângulo pelo qual a examinemos, a comunicação eficiente e eficaz constitui parte essencial do processo de investigação científica.” Como vemos, é extremamente relevante para a sociedade ter acesso ao conhecimento científico, tornando-se também evidente o papel social da mediação dessa informação. Para Oliveira (2002, p. 13),

[...] o acesso às informações sobre C&T é fundamental para o exercício pleno da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações políticas ligadas a C&T. Entendemos que a formação de uma cultura científica [...] não é processo simples [...]. No entanto, o acesso às informações sobre C&T como um dos mecanismos que pode contribuir de maneira efetiva para a formação de uma cultura científica deve ser facilitado ao grande público carente delas.

Nesse contexto, surge o papel fundamental dos mediadores da informação, entre os quais os jornalistas. A mídia, e no caso específico deste artigo, a televisão, funciona como instrumento de acesso às informações científicas, por vezes auxiliando as pessoas na compreensão dos fatos e perspectivas que cercam suas condições de vida e convívio social.

Sabe-se que o telejornal tem a característica de reportar cotidianamente fatos que ocorrem na sociedade, e, assim, mantém o indivíduo informado sobre os mais diversos acontecimentos. Segundo Bourdieu (1997, p.23): “Há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem nenhum jornal, que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações.” Outro aspecto é lembrado por Andrade (2004, p.16):

As mensagens transmitidas pela televisão são embaladas de forma atrativa, com imagens, cor e movimento. Estes atributos contribuem para torná-las simples, cotidianas, favorecendo a compreensão por parte dos telespectadores, qualquer que seja seu nível educacional e sócio-cultural.

De acordo com Ivanissevich (2005, p.13), pesquisas de opinião realizadas nos anos 90 revelaram que a mídia - a televisão, em primeiro lugar, seguida pelos jornais - é a principal fonte de informação pública “sobre as atividades dos europeus com relação à ciência e tecnologia e seu nível de entendimento sobre o assunto”. No Brasil, a pesquisa Percepção Pública sobre Ciência e Tecnologia (PANELLA, 2007) aponta para resultados análogos aos realizados no continente europeu. De acordo com esse estudo,



entre os meios mais utilizados para acessar informações sobre C&T destaca-se a televisão (com 15%), seguida pelos jornais e revistas (com 12% cada).

Por outro lado, não podemos esquecer que a informação veiculada pela televisão sempre foi um assunto polêmico, uma vez que as notícias televisivas costumam ser superficiais ou extremamente espetacularizadas. Existe pouco espaço para a reflexão crítica, por parte do telespectador, e quando se trata de informação científica, percebe-se sua alienação e aculturação científica. Tal situação acaba por excluir o telespectador de assuntos importantes voltados à melhoria de sua qualidade de vida. Sem divulgação não há impacto e os indivíduos persistem na sua ignorância por não possuírem acesso ao contínuo processo de fazer ciência.

Promover uma melhor estrutura para a divulgação dos pensamentos e dos resultados das investigações científicas e criar fluxos de informação, visando ao cidadão comum é de fundamental relevância para o desenvolvimento social. "Se bem informada, a sociedade terá as ferramentas necessárias para exigir maior qualidade e terá um melhor discernimento para cobrar investimentos (SIQUEIRA, 1999, p. 13)."

Embora concordemos que a televisão pode ser um caminho para que as informações sobre ciência sejam acessadas pelo grande público, acreditamos que, no telejornalismo brasileiro, a divulgação científica ainda não é suficiente para que se possa sedimentar uma cultura científica entre os telespectadores. Mesmo assim, apostamos no papel relevante da televisão para a divulgação da ciência e, justamente por isso, decidimos realizar um estudo sobre a presença da ciência no telejornalismo brasileiro. Com ele, queremos saber se os telejornais estão contribuindo para dar visibilidade à ciência e às pesquisas: de que forma, em qual quantidade e abordando quais temáticas. Neste artigo, apresentamos um recorte desse estudo, que enfoca a presença de reportagens que divulgam a ciência no Jornal Nacional (JN), da rede Globo de televisão.

A Ciência no Jornal Nacional

O Jornal Nacional (JN), nascido em 1º de setembro de 1969, foi o primeiro programa jornalístico da TV brasileira a ir ao ar em cadeia nacional. Na década de 70, os índices de audiência do JN chegavam aos 70 pontos.⁵ Hoje, com quase 40 anos de existência, o JN ainda é a principal fonte de informação dos brasileiros.

⁵ Fonte: <<http://www.telehistoria.com.br/canais/jornalisticos/globo/jornalnacional.htm>>. Acessado em 31/01/2008.



Com um discurso informal, no sentido de transmitir uma linguagem clara e objetiva e, ao mesmo tempo formal, uma formalidade indicada tanto pelas roupas usadas pelos apresentadores, como também pela fisionomia e seriedade com que os mesmos apresentam as matérias, o Jornal Nacional foi se consolidando e se tornando um hábito para os brasileiros. (TOSCANI, SILVA, OLIVEIRA, 2006, p.9)

A edição que lhe é característica induz ao consumo rápido das notícias, além de assumir uma função anestésica favorecedora da espetacularização da informação.

O Jornal Nacional [...] não apresenta características opinativas. Seu estilo é o de um noticiário ágil e rápido, construído a partir da alternância e complementaridade de várias vozes – apresentadores, repórteres, comentaristas e entrevistados – que se revezam de forma quase imperceptível na narração dos fatos (ANDRADE, 2004, p. 167).

Para verificar a presença da ciência no JN, gravamos, durante o primeiro trimestre de 2007, 78 edições, na íntegra, o que resultou em 39 horas do programa. Após assistir o material coletado, selecionamos 88 matérias que se adequavam aos critérios pré-estabelecidos. Tomando como base a análise do material selecionado, observamos quatro indicadores, que consideramos relevantes.

O primeiro deles diz respeito ao tempo de matérias sobre ciência com relação ao tempo total dos noticiários. De um total de 39 horas de matérias analisadas, apenas 3 horas e 4 minutos (7,82%), tratam de ciência. O tempo de matérias sobre ciência, ficou assim distribuído: janeiro, com 35 minutos; fevereiro, 1 hora e 29 minutos; março, 1 hora e 1 minuto.

Nos países mais avançados, do ponto de vista científico-tecnológico, a população está bastante informada com relação ao conhecimento científico. Isso é resultado direto de uma educação primária e secundária de qualidade, de políticas públicas de informação científica e atuação contínua dos meios de comunicação. Em contrapartida, no Brasil, afirma Izquierdo (2005, p. 113), “o público conhece pouco sobre ciência [...] um país condenado por sua incapacidade intrínseca”. Corrobora com essa assertiva os números mostrados no primeiro indicador. Três horas e quatro minutos, em três meses de programação telejornalística é muito pouco tempo dedicado à popularização do conhecimento científico.

O fato de o mês de fevereiro, apesar de ser o mais curto do ano, ter tido o maior tempo de matérias sobre ciência está diretamente relacionado ao assassinato do garoto João Hélio Fernando Vieites, de seis anos. O menino, que ficou preso ao cinto de

segurança do veículo em que estava, foi arrastado por mais de sete quilômetros por ruas do Rio de Janeiro pelos assaltantes que roubaram o carro de sua mãe. O crime gerou várias matérias ligadas à violência, com análises de pesquisadores das Ciências Humanas. Percebe-se também que no mês de março prossegue a seqüência de matérias sobre violência, relacionadas a esse fato, o que sugere mais tempo dedicado à ciência com relação a Janeiro. Inferimos, pois, que se não houvesse ocorrido a brutal fatalidade o tempo de matérias sobre ciência nos meses de fevereiro e março, estariam mais próximos a janeiro, significando menos tempo no total.

O segundo indicador refere-se às Grandes Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq⁶.

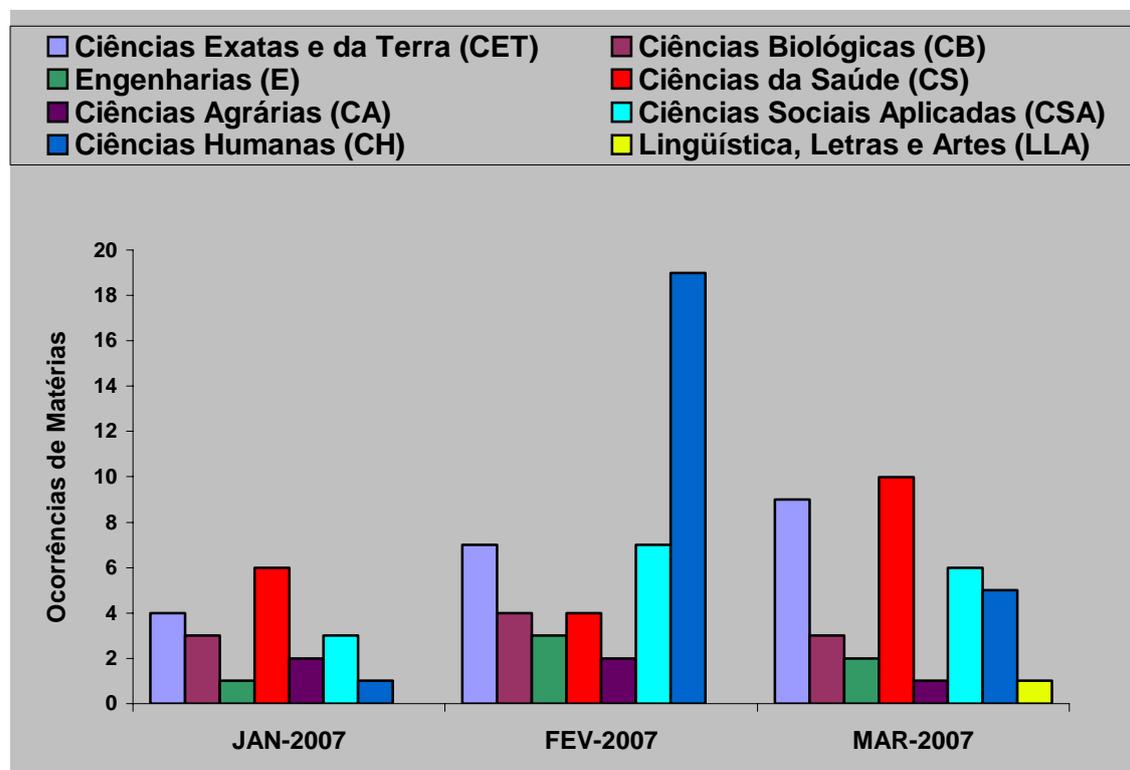


Gráfico 2 – Áreas do Conhecimento - CNPq

Observamos no gráfico acima que, ao contrário de outras pesquisas realizadas (ANDRADE, 2004; GOMES e SALCEDO, 2005; MASSARANI *et al*, 2005), em que as Ciências Biológicas surgem com maior frequência, as Ciências Humanas se destacam. Acreditamos que isso se deve, como já mencionado, à grande incidência de matérias sobre violência observada nos dois últimos meses analisados. Esse fato

⁶ <http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>

fortalece a tese de que o telejornalismo prioriza fatos que dêem margem à espetacularização. Percebemos a pouquíssima frequência de matérias (não mais do que quatro matérias por mês) sobre Engenharias, Ciências Agrárias e Ciências Biológicas, além da ínfima participação, no mês de março, de matérias sobre Linguística, Letras e Artes. Certa constância, durante o trimestre, pôde ser observada nos números de matérias das Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas.

O terceiro indicador estabelecido reflete a relação entre a quantidade de matérias nacionais e internacionais.

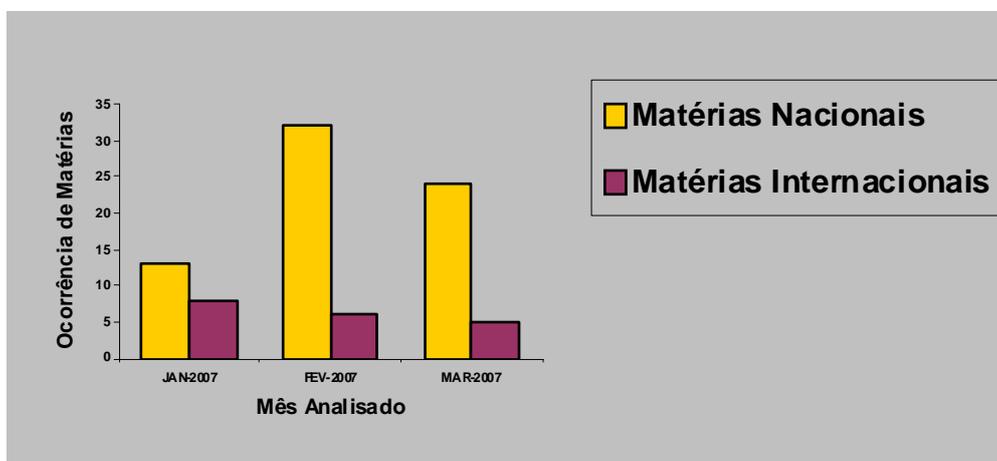


Gráfico 03 – Matérias Nacionais X Internacionais

Das 88 matérias sobre ciência analisadas 69 (78,4%) são de origem nacional e 19 (21,6%) internacional. Nesse trimestre o telejornalismo da Rede Globo enfatizou as notícias nacionais. Apesar de ter havido uma queda mês a mês do número de matérias de origem internacional, isso não necessariamente indica uma tendência e só poderá ser avaliado com a ampliação do corpus, abrangendo um maior número de meses. Por outro lado, percebe-se que o alto número de matérias nacionais, nos meses de fevereiro e março, deve-se ao fato mencionado sobre a violência. Isso sugere que o número de matérias internacionais poderia ser bastante aproximado ao número de matérias nacionais.

O quarto indicador destacado teve como objetivo mostrar quais foram as instituições brasileiras mais citadas nas matérias nacionais. Percebemos que para obter informações para as matérias sobre ciência o JN, em geral, procura três tipos de instituições: as de ensino, as de pesquisa e também empresas estatais. Isso talvez decorra da imagem de credibilidade que as mesmas construíram perante a sociedade.

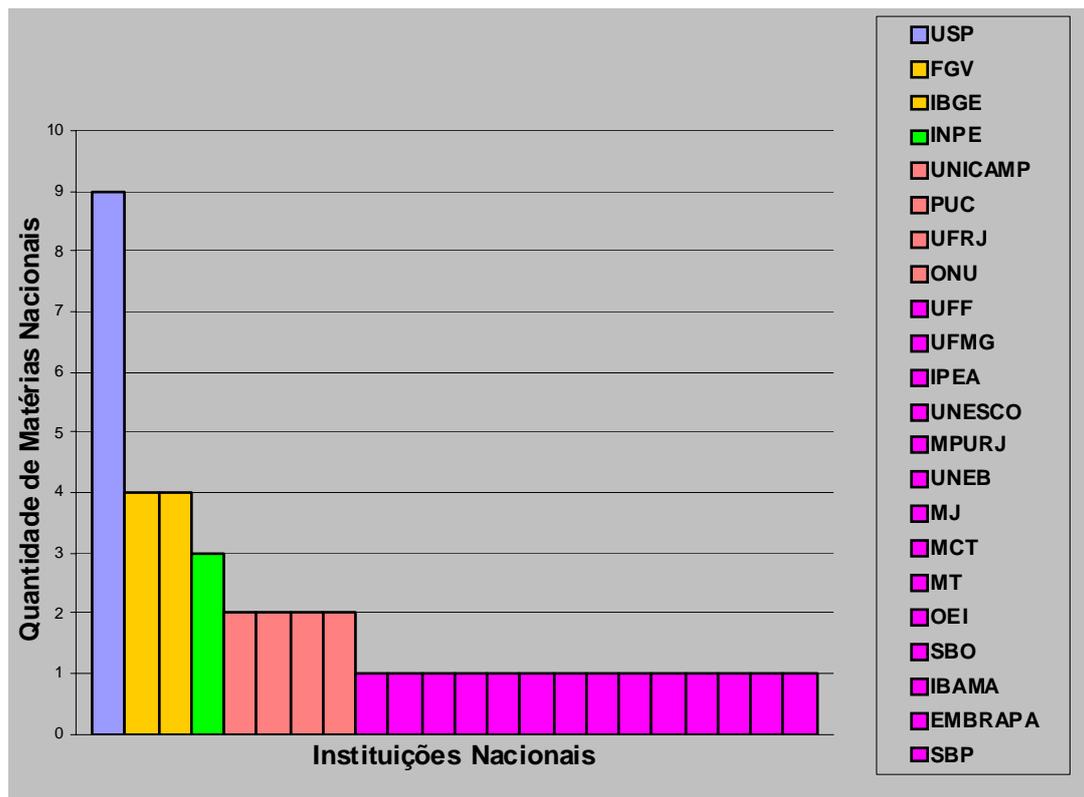


Gráfico 04 - Instituições citadas em matérias nacionais

É necessário esclarecer que, apesar de serem instituições localizadas fora do Brasil, a ONU e a UNESCO figuram no gráfico como instituições locais porque os pesquisadores entrevistados são brasileiros, residentes no país, e funcionários desses organismos internacionais. Das 69 matérias nacionais a USP é a instituição que, no trimestre analisado, foi a mais procurada como fonte institucional pelo JN quando o assunto era ciência. O fato caracteriza tanto a relevância que a USP tem no cenário da pesquisa nacional, como a prática jornalística denominada “uso de fonte viciada”.

Percebe-se ainda que as instituições mais procuradas pelo JN são da região Sudeste do país (as cinco instituições com maior frequência no gráfico). Outro dado importante é que as instituições de ensino superior, ainda são as mais procuradas pela Rede Globo para aferir suas matérias. Dois aspectos podem ser inferidos desses dados: a) as universidades são as instituições que passam mais credibilidade à mídia, b) essa credibilidade está centrada nas instituições do centro-sul do país. Dentre as instituições que não são de ensino, o IBGE e o INPE aparecem em primeiro e segundo lugares, respectivamente. Isso corrobora com a tabela das Grandes Áreas do Conhecimento, na



qual a subárea “Economia” (IBGE) e “Climatologia” (INPE) surgem com mais frequência nas matérias analisadas.

Parte do que foi mencionado pode contribuir para a discussão sobre divulgação científica e telejornalismo regional. O fato de que no trimestre analisado a USP foi a instituição mais utilizada como fonte de informação fortifica o lugar comum de que São Paulo é maior produtor de ciência nacional, o que, em grande medida não é verdade. Além disso, centrar as notícias científicas nacionais nas instituições do Centro-Sul do país é desmerecer a produção científica que ocorre no restante do país. Como poderiam as instituições e os pesquisadores localizados nas regiões, principalmente, Norte e Nordeste, participar do que Sousa (2006, p. 267) denomina como:

iniciativas de dimensões práticas e democráticas que promovam um novo ambiente comunicacional que assegure aos diversos atores envolvidos [...] um lugar destacado no processo de construção da ciência notícia ou da notícia ciência?

Com os dados acima descritos, busca-se oferecer pistas que possam ampliar o debate sobre a divulgação científica e o telejornalismo regional, questão complexa e que merece diversas reflexões.

Conclusões

Refletir sobre a produção e o fluxo da informação científica envolve um grande número de questões. Algumas delas, trabalhadas neste artigo, remeteram a um entendimento maior quanto ao papel e a situação do Jornal Nacional junto à divulgação da informação científica.

Acreditamos que sem divulgação não há impacto social, pois sem acesso às informações, os indivíduos terão mais dificuldade de se beneficiarem com descobertas relevantes no campo acadêmico. Promover uma melhor estrutura para a divulgação dos resultados das investigações científicas e criar fluxos de informação, visando ao cidadão comum, têm uma relevância fundamental para o avanço do conhecimento humano e o desenvolvimento do país.

Neste trabalho, mostramos que o papel do Jornal Nacional na divulgação do conhecimento científico, embora exista e seja importante, ainda é insuficiente, principalmente se tomarmos como parâmetro a quantidade de pesquisadores e pesquisas realizadas no Brasil. Corrobora com essa assertiva o fato de que em 39 horas de telejornal analisadas, apenas 3 horas e 4 minutos foram dedicadas, de alguma forma, à



ciência. Na realidade, os dados sugerem que o telejornal analisado, de fato, cumpre o seu papel no campo jornalístico ao priorizar o factual. No entanto, o papel relacionado à popularização da ciência, que implica uma ação cidadã, poderia estar mais presente.

O panorama estabelecido neste artigo serviu, pois, para mostrar que o telejornalismo resiste a popularizar a ciência numa escala mais ampla. Mostrou também que o “vício de fontes” é patente e que instituições da região Sudeste são priorizadas, o que fica claro quando vemos que dentre mais de 30 universidades públicas, a USP surge como a principal fonte das matérias sobre ciência. Evidentemente a questão da localização é um aspecto importante, mas, por outro lado, não se pode desconsiderar o fato de que a Rede Globo tem afiliadas espalhadas pelo país. Ou seja, a distância não é um argumento forte quando, em tese, há repórteres disponíveis para realizar entrevistas com especialistas nas mais diversas localidades.

Este artigo remete a uma investigação mais acentuada sobre a relação da mídia com o Estado, a ciência e a sociedade. Não obstante, é patente o papel da mídia, que, apesar das dificuldades corriqueiras, tem alguma participação na divulgação da produção do conhecimento científico.

Referências bibliográficas

ANDRADE, L. **Iguarias à Hora do Jantar**: a presença de ciência e tecnologia nos telejornais diários. 2004. 266 p. Tese (Doutorado em Ciências Biomédicas). Instituto de Ciências Biológicas. Rio de Janeiro, mar 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GOMES, I. M. A. M.; SALCEDO, D. A. A Divulgação da informação científica no Jornal do Commercio. **Ícone**. Recife, v. 1, n. 8, dez. 2005, p. 80-88.

IZQUIERDO, I. Aumentando o conhecimento popular sobre a ciência. In: Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação: desenvolvendo idéias para desenvolver o Brasil, 3, Brasília. **Anais**. Parcerias Estratégicas, Brasília, n. 20, parte 1, p. 113-118, jun 2005.

IVANISSEVICH, A. A Mídia como intérprete. In: VILAS BOAS, S. (Org.). **Formação & Informação Científica**. São Paulo: Sumus, 2005.

MASSARANI, L.; et al. Jornalismo científico na América Latina: um estudo de caso de sete jornais da região. **Journal of Science Communication**, v. 4, n.3, set 2005.



MEADOWS, A. J. **A Comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

OLIVEIRA, F. de. **Jornalismo científico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PANELLA, C. **Percepção Pública sobre Ciência e Tecnologia**. Brasília: MCT, 2007. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50877.html>>. Acessado em: jan 2007.

SIQUEIRA, D da C. O. **A Ciência na Televisão: mito, ritual e espetáculo**. São Paulo: Annablume, 1999.

SOUSA, C. M. de. Televisão regional e comunicação da ciência. In: MELO, J. M. de. et al. **Regionalização midiática: estudos sobre comunicação e desenvolvimento regional**. RJ: Sotese, 2006. p 267-287.

TOSCANI, A. L. F. C.; SILVA, D. H.; OLIVEIRA, N. P. R. Jornal Nacional, informação x manipulação. **Revista Eletrônica de Comunicação**. Unifacef. jan - jun 2006.